



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA**

ISABELA GOMES DE LIMA

**A (RE)CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA BRUXA: UMA ANÁLISE DO FILME
“A BRUXA” (2015)**

GUARABIRA

2023

ISABELA GOMES DE LIMA

**A (RE)CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA BRUXA: UMA ANÁLISE DO FILME
“A BRUXA” (2015)**

Trabalho de Conclusão de Curso
(TCC – Artigo) apresentado ao
Departamento do Curso de História
da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciado em
História.

Orientador: Prof. Dr^a. Alômia Abrantes da Silva

**GUARABIRA
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L321r Lima, Isabela Gomes de.
A (Re)Construção da Imagem da Bruxa [manuscrito] : Uma Análise do Filme "A Bruxa" (2015) / Isabela Gomes de Lima. - 2023.
18 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.
"Orientação : Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva, Coordenação do Curso de História - CH. "
1. Bruxa. 2. Cinema. 3. Bruxa demoníaca. I. Título
21. ed. CDD 791.437

ISABELA GOMES DE LIMA

**A (RE)CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA BRUXA: UMA ANÁLISE DO FILME
“A BRUXA”(2015)**

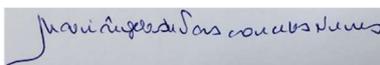
Trabalho de Conclusão de Curso
(TCC – Artigo) apresentado ao
Departamento do Curso de História
da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciado em
História.

Aprovado em: 04 /07/ 2023

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Alômia Abrantes da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba



Prof^a. Dr^a. Mariângela de Vasconcelos Nunes (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba



Prof^o. Dr.^o Carlos Adriano Ferreira de Lima (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba

Para minha orientadora Alômia
Abrantes da Silva, e a minha mãe
Raimunda Goreth de Lima.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	8
2. DESENVOLVIMENTO	9
2.1. O mal associado à figura da bruxa	9
2.2. As bruxas e algumas de suas faces no cinema	12
2.3. Thomasin e a criação da bruxa	13
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	21

A (RE)CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA BRUXA: UMA ANÁLISE DO FILME A BRUXA (2015)

THE (RE)CONSTRUCTION OF THE WITCH'S IMAGE: AN ANALYSIS OF THE MOVIE THE WITCH (2015)

Isabela Gomes de Lima¹

RESUMO

Neste artigo, procuro fazer uma leitura analítica do filme *A Bruxa* (2015), dirigido e escrito por Robert Eggers, a partir dos discursos misóginos e antifemininos que contribuíram para a construção da imagem da bruxa demoníaca, a serva do Diabo. Para isto, contextualizo a discussão sobre a bruxaria na Baixa Idade Média e transição para a Idade Moderna, para melhor compreender historicamente como os estereótipos sobre as bruxas foram estabelecidos e quais as motivações que constituíram a “caça às bruxas”. Discuto como estes estereótipos vêm sendo apropriados pelo cinema de horror e, em especial, como são representados na trama do filme *A Bruxa*, destacando algumas das suas cenas mais emblemáticas. Concluo que muitos dos discursos misóginos que associam as mulheres ao mal ressoam até os nossos dias, atualizados por diversas narrativas, especialmente a cinematográfica. Trata-se de um trabalho inspirado na relação história e cinema e nos contributos da história cultural para pensar esta relação.

Palavras-Chave: bruxa, cinema, bruxa demoníaca.

ABSTRACT

In this article I try to make an analytical reading of the film *The Witch* (2015), directed and written by Robert Eggers, from the misogynistic and anti-feminine discourses that contributed to the construction of the image of the demonic witch, the servant of the devil. For this, I contextualize the discussion about witchcraft in the Late Middle Ages and transition to the Modern Age, to better understand historically how stereotypes about witches were established and what were the motivations that constituted the “witch hunt”. I discuss how these stereotypes have been appropriated by horror cinema and, in particular, how they are represented in the plot of the film *The Witch*, highlighting some of its most emblematic scenes. I conclude that many of the misogynistic discourses that associate women with evil resonate to our days, updated by different narratives, especially the cinematographic one. It is a work inspired by the relationship between history and cinema and the contributions of cultural history to thinking about this relationship.

Keywords: witch, cinema, demonic witch.

¹ Aluna graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba – CH/Campus III. E-mail: gomesisabela04@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, discuto alguns aspectos sobre as imagens da bruxaria, através da análise do filme *A Bruxa* (2015), do diretor e roteirista Robert Eggers. O objetivo é refletir como esta narrativa fílmica (re)constrói e atualiza, em pleno século XXI, elementos de estereótipos misóginos presentes no ocidente desde, pelo menos, a Baixa Idade Média, quando cresceu no Ocidente cristão um discurso depreciativo e acusatório sobre mulheres identificadas como bruxas.

Procuro aqui exercitar um olhar sobre a relação entre história e cinema, partindo do princípio de que toda obra cinematográfica deve ser tratada como uma fonte histórica passível de estudos sobre a sociedade que a produz, independente do gênero cinematográfico, como defende José D'Assunção Barros (2011). A narrativa fílmica tornou-se para o campo da história, em especial para a história cultural, registro rico e complexo de visões de mundo, padrões comportamentais, mentalidades, hierarquias sociais e tantos outros aspectos que estão vinculados a um determinado tempo e espaço e, inclusive, às formas como estes criam visões sobre outros tempos e espaços, em particular, sobre o passado.

O passado representado no filme *A Bruxa* é do século XVII, na Inglaterra, com foco na presença do puritanismo² e da forte crença ali estabelecida de que as bruxas representavam uma ameaça real e que, portanto, deveriam ser denunciadas e entregues ao braço inquisitorial, para que ardessem nas fogueiras. Vale lembrar que a cultura ocidental cristã foi fortemente influenciada por discursos de antinomia entre o bem e o mal, Deus e o Diabo, que colaboraram historicamente para que a bruxaria fosse associada a malefícios e, por conseguinte, diabolizada; isto, ao tempo em que seguia sendo associada estreitamente com uma ideia de natureza feminina, compreendida, por sua vez, como imperfeita, frágil às tentações e à corrupção.

Não à toa, estes discursos tiveram seu auge entre os séculos XV e XVII, especialmente após a publicação do livro *Malleus Maleficarum*, em 1486, escrito pelos monges dominicanos Heinrich Kramer e James Sprenger, que se popularizou como um tratado para identificar, prender, torturar e matar bruxas e feiticeiras. Um compêndio de discursos em que podemos ver refletida uma imagem feminina negativa e intrinsecamente associada ao mal. Utilizando-se principalmente dos primeiros textos doutrinários da cristandade que questionava o surgimento do Mal, a Igreja Católica se utilizou destes primeiros textos para responsabilizar as bruxas pelos infortúnios ocorridos no mundo, vinculando-a a imagem de “Serva do Diabo”. Contudo, as apropriações destas imagens e a influência das ideias registradas no *Malleus Maleficarum* não ficaram circunscritas ao catolicismo, demonstrando sua força no interior das várias crenças e doutrinas cristãs após a Reforma Protestante.

Embora aqui não tenha condições de explorar as várias camadas de discursos que compõe o filme escolhido -roteiro, fotografia, iluminação,

² Produto do contexto da separação da Igreja de Roma e a da Inglaterra (Anglicana), segundo Campos (2014, p.01), a ética puritana recebeu suas definições e estabeleceu seu padrão de existência dentro da experiência histórica protestante: “Nesta acepção, o puritanismo é protestante, ele nasce dentro da modernidade, o contexto é a Inglaterra no século XVI”.

sonoplastia etc.- procuro, a partir de um diálogo com uma bibliografia especializada sobre o tema da bruxaria, apontar e refletir sobre o modo como esta persona tão explorada ao longo do tempo pela literatura, e pelo cinema em particular, segue sendo chamada a falar, fascinando e assombrando leitores e plateias do nosso tempo.

2. DESENVOLVIMENTO

Vistas como adoradoras do Diabo, as bruxas, por muitos anos, foram usadas como formas de representação do Diabo na sociedade, visão essa impulsionada através dos discursos antifemininos e misóginos, que ganharam força no ocidente medieval. Mas, para compreender este processo de diabolização, é preciso ter em vista que, independentemente da marca da bruxaria, as mulheres passaram a ser vistas na Europa feudal como potencialmente más. Pelo discurso clerical no medievo, “a mulher foi definida como uma criatura essencialmente negativa, fonte da tentação e infortúnio dos homens” (LAROCCA, 2018. p. 89).

Destrincharei nas seções a seguir essa relação.

2.1. O mal associado à figura da bruxa

Muitas vezes acusadas por todos como as principais culpadas pelas tragédias ocorridas, eram a principal fonte de desconfianças, como aquelas que introduziriam o pecado no mundo e as parceiras do Diabo, cujo principal objetivo era levar o homem à desgraça.

Boa parte do arsenal antifeminino dos teólogos e moralistas baseava-se na regra segundo a qual as mulheres levavam o homem à danação. Eram consideradas perigosas, frágeis, astuciosas, encrenqueiras, inconstantes, infiéis e fúteis; sensuais, representavam obstáculo à retidão do sexo masculino. (MACEDO, 1999, p. 44).

A atitude masculina em relação ao feminino se mostrou extremamente contraditória, oscilando entre a atração e a repulsa, a admiração e a hostilidade. Na cultura judaico-cristã, na qual o relato do pecado original ocupa um lugar central, o melhor exemplo dessa contradição ocorre com a exaltação da imagem de Maria, canal de toda a graça e mãe sofredora, em contraposição com a culpabilização de Eva, pecadora que utilizou sua sensualidade para enganar Adão, condenando a humanidade à morte e ao sofrimento (LAROCCA, 2018. p. 90)

No século XII, com a grande propagação do culto à Virgem Maria, a imagem de Maria como a nova Eva, ou melhor, a Eva redimida, passou a ser usada pela Igreja como um exemplo que deveria ser seguido pelas mulheres: a discípula dedicada, a mãe amorosa e virtuosa. Contudo, era um modelo de exigência extrema, ao qual dificilmente poderia-se alcançar fora do mundo da santidade, o que tornava mais severo o olhar sobre as “pecadoras”, o que certamente alimentou a depreciação sobre aquelas que não correspondiam ao ideal mariano (MACEDO, 1999). Logo, como se vê, a ideia de uma natureza essencialmente propensa ao mal não era algo restrito àquelas tidas como feiticeiras, mas nutria a concepção de que, potencialmente, as mulheres

poderiam desviar-se e desviar os outros do caminho da ortodoxia cristã, tentadas pelas práticas de heresia e bruxaria.

Porém, é preciso entender que, por muito tempo, a presença daquelas consideradas feiticeiras não foi um grande incômodo para a Igreja. Para Carlos Roberto Figueredo Nogueira (1995), as mulheres consideradas assim eram personagens centrais de um mundo repleto de desejos. Ainda que sobre elas pesassem desconfianças e receios, costumavam ser aceitas socialmente, pois, desempenhavam muitas vezes os papéis de curandeiras, parteiras e terapeutas, ou seja, eram elas que normalmente atendiam as mulheres e crianças das regiões em que viviam, uma vez que as técnicas cirúrgicas da época eram exclusivas para a reparação de danos causados durante os combates e os únicos médicos existentes eram, em sua maioria, judeus. Estas mulheres detentoras de saberes, vistas como último recurso, quando os médicos já haviam feito de tudo, eram procuradas pelas pessoas. Todavia, também eram por muitas vezes acusadas pelas tragédias ocorridas nos vilarejos. Assim, dependendo das situações, elas vinham a ser consideradas úteis e, por conta disso, toleradas pelos clérigos; estes, estavam mais preocupados com aqueles que acreditavam que elas possuíam poderes mágicos, que imaginavam seus cultos, o que a Igreja compreendia como reminiscência pagã, que necessitava ser veementemente combatida (MACEDO, 1999).

Rivair Macedo afirma ser difícil uma explicação sucinta sobre o que alterou a percepção clerical e observa que foi a partir do século XIII que o ponto de vista sobre grupos indesejados, mas tolerados, modificou-se, intensificando-se a intolerância com a crise política que envolveu lideranças religiosas nos séculos XIV e XV, e a crise moral denunciada pela proliferação das heresias. Segundo o autor, grupos minoritários, como judeus, mulçumanos e leprosos serviram de bode expiatório, vítimas de uma maior marginalização.

O medo de ambos gerou a perseguição e o extermínio O Diabo, até então inofensivo ante a onipotência e a onipresença divina, ganhou importância na imaginação das pessoas, inclusive dos clérigos. O medo do demônio gerou o medo das feiticeiras. O medo de ambos gerou a perseguição e o extermínio do inimigo invisível: as bruxas. (MACEDO, 1999, p. 65).

Isso fez com que o cristianismo buscasse restabelecer ainda mais forte as suas bases de poder político, através de fortes discursos e práticas coercitivas. Tudo isso estando ligado à lógica de separação, o que é bom -tudo o que está ligado à cristandade é bom, sagrado, é de Deus- e o que é desvio de caráter, mal -bruxaria, hereges, judeus- é dado como profano, não vem de Deus e deve ser evitado fortemente.

A toda essa crise e proliferação do medo do demônio a Igreja respondeu com uma mentalidade inquisitorial e a instituição do Tribunal do Santo Ofício. Para este, se de início, os cátaros e outras heresias foram o alvo principal, gradativamente as bruxas ocuparam um lugar especial na preocupação dos inquisidores, o que tendeu a ser ainda mais expressivo nos primeiros séculos da chamada Idade Moderna. Tanto que inspirou um manual específico para sua identificação e combate, como já pontuado, o que colaborou para sistematizar a “caça às bruxas”, também fortemente implementada por outras designações e doutrinas cristãs nascidas com a Reforma Protestante. Com sua posição privilegiada, o cristianismo, que se afirmava superior por conta de sua fé, e os

outros como hereges, infiéis e bruxos e facilmente identificáveis com a representação do mal, o Diabo e seus serviçais. A disputa pela representação ocorrida neste cenário envolveu a rotulação depreciativa das práticas da bruxaria a partir de dois pilares existentes: a estereotipação e o preconceito que veio a se tornar o mecanismo de desqualificação das diversas identidades incluídas no processo (PORTELA, 2017. p. 202).

“A bruxa é aquela que se compõe junto a uma grande variedade de pré-conceitos pensados sobre o feminino, sobre o corpo, a natureza e os ciclos de nascimento, vida e morte” (ZORDAN, 2005, p. 319). As ideologias do patriarcado não estão apenas no sistema hierárquico social e religioso, mas também em obras literárias e cinematográficas, que fomentam as perspectivas culturais e históricas de depreciação da mulher, fazendo com que ela seja colocada em uma posição negativa e inferior com relação ao homem, seja por suas características biológicas ou por seus aspectos emocionais.

Mesmo após os séculos de atuação do Santo Ofício, ainda na modernidade, a imagem da bruxa continuou fortemente vinculada aos discursos misóginos que foram e, pode-se dizer, continuam sendo um dos influenciadores da “caça às bruxas”. A sua imagem é utilizada no cinema como uma forma de trazer o medo e alertar sobre os perigos que o feminino traz consigo. Por mais que a bruxa seja uma personagem bastante presente na produção cinematográfica, é no cinema de horror onde ela assume o papel de um ser demoníaco, sensual, ligado à sexualidade da mulher, possuindo fortes ligações aos discursos propagados durante a Idade Média, demonstrando que, ainda nos dias de hoje, esses discursos permanecem muito presentes em nossa sociedade.

O chamado “cinema de horror” surgiu apenas na metade do século XX, e não tardou para que o estereótipo da bruxa viesse a se tornar bastante popular neste gênero, especialmente nas décadas de 1960 e 1970³. Não à toa, como explica Larocca (2018), estas são as décadas de maior emergência nos países democráticos dos movimentos feministas, pautando questões sobre a igualdade de gênero, em especial no campo do trabalho, da sexualidade, da política. A fealdade com que muitas vezes o cinema caracterizava as bruxas também era relacionada às feministas, como um antimodelo de feminilidade.

Isso ocorreu paralelamente ao movimento de libertação das mulheres e da segunda onda feminista, representando o medo sentido por autoridades e estruturas masculinas, além de alertar para a necessidade de monitoramento das mulheres e controle do empoderamento feminino. As bruxas cinematográficas se mostravam engajadas em buscas irracionais por beleza, juventude, sexo, poder e vingança, frequentemente procurando subverter a tradicional hierarquia de gêneros, subjugando os personagens masculinos e transformando-os em seus servos ou amantes. Nesse sentido, tornavam-se uma ameaça para toda a sociedade, precisando ser punidas severamente. (LAROCCA, 2018, p.89)

³ *A Maldição do Demônio* (Mario Bava, 1960), *Bruxa – A Face do Demônio* (Cyril Frankel, 1966), *Suspiria* (Dario Argento, 1977) e *Inferno* (Dario Argento, 1980).

A própria literatura feminista, o desenvolvimento de um campo dos estudos de gênero, vieram também aos poucos provocar alterações nestas visões estereotipadas. Essas imagens passaram a ser questionadas, afinal, elas eram mulheres possuidoras de conhecimentos medicinais, insubmissas, autônomas, cuja história precisava ser melhor conhecida.

2.2. As bruxas e algumas de suas faces no cinema

Bruxas, feiticeiras, magas, benzedadeiras, curandeiras, não importa os nomes que queiram chamá-las, essas mulheres possuíam o conhecimento de cura através das ervas, partos, orações, benzimentos, adivinhações. Para Paola Zordan (2005), não existe uma única imagem da bruxa e qual seria a sua aparência, ela poderia ser uma jovem donzela, uma velha viúva ou até mesmo uma mãe de família, pois, essa imagem nada mais é que uma construção histórica.

Com tantas representações, os estereótipos da “bruxa” chegam até os dias de hoje com várias representações, entre elas o da bruxa má. O cinema, ao longo do tempo, tem sido uma fonte de grande influência tanto na perpetuação dessa imagem como na modificação dela. Contudo, a figura da bruxa foi sendo incorporada com o tempo na cultura folclórica, nas lendas de terror, nos contos de fadas, filmes cinematográficos, afastando assim de todo o contexto histórico e político que envolve todo o seu surgimento (LUCENA; VALLE, 2021).

O cinema permite uma forte fonte de análise social, pelo seu poder de criar imaginários coletivos e de disseminar seus discursos ideológicos através da sua força simbólica (SANTOS, 2021). A figura da bruxa má tão fortemente propagada durante a Idade Média, ao chegar na Contemporânea, ainda é bastante usada nas produções cinematográficas, em especial as do gênero de horror⁴. Contudo, não é exclusivamente deste gênero, seja em filmes de comédias ou até mesmo em romances e fantasias, a bruxaria ou feitiçaria são temas que também são explorados como um plano de fundo. Trazendo não apenas o medo da bruxaria, da malvada feiticeira que invoca as mais terríveis maldições, mas as vezes também o risível, o inusitado, a fantasia⁵.

Inicialmente, em algumas produções cinematográficas, a figura da bruxa estava presente nas adaptações de contos de fadas, essas histórias tinham como origem os contos folclóricos medievais, onde a bruxa era a figura maléfica e vilã. Entretanto, essa imagem vem sendo reformulada com o tempo, principalmente com os movimentos feministas e as constantes críticas sobre as representações femininas no cinema, fazendo com que surgissem uma nova imagem da bruxa, que antes era vista como mulher maléfica, sedenta por poder,

⁴ O cinema de horror (terror) foi como ficaram conhecidos os vários filmes do gênero horror, é um gênero cinematográfico que busca trazer do espectador suas reações mais negativas, ele costuma lidar com os medos, fobias e repulsa de quem assiste esse gênero de filme. O tema do macabro e sobrenatural são os mais frequentes, mas também pode-se encontrar com os temas fantasia, ficção científica e thrillers.

⁵ *Abracadabra* (1993); *Jovens Bruxas* (1996); *Sabrina, A Aprendiz de Feiticeira* (1996); *Sabrina, Vai À Roma* (1998); *Halloweentown: Um Lugar Mágico* (1998); *Stardust: O Mistério da Estrela* (2007); *A saga de Harry Potter* (2001-2011).

e agora poderia ser denominada como poderosa, insubmissa. No cinema, podemos encontrar essa dualidade sobre a figura da bruxa com facilidade nos filmes do gênero horror, porém, é neste gênero de filme que existe uma predominância da representação do feminino relacionado ao Mal e ao demoníaco. Entretanto, a cultura pop passa por uma série de mudanças, onde acontecem atualmente várias releituras de obras, em que podemos encontrar uma série de mudanças nas formas de representações da figura da bruxa.

Os filmes como *O Mágico de Oz*⁶ (1939), a bruxa é uma personagem icônica, nele a bruxa aparece de uma forma surpreendente como a doce Glinda e temível Bruxa Má do Oeste, e até no filme *A Bruxa* (2015)⁷, com a jovem Thomasin. No *Mágico de Oz*, podemos ver uma clara distinção entre Glinda, a Bruxa Boa do Norte, e a Bruxa Má do Oeste, no filme inicialmente somos apresentados à jovem Dorothy (Judy Garland) do Kansas que, por causa de um tornado que estava de passagem, acaba sendo levada para a terra de Oz, ao chegar acaba matando acidentalmente a Bruxa Malvada do Leste. A jovem é recebida por Glinda (Billie Burke), a Bruxa Boa do Norte, que tinha sido chamada pelos habitantes do local onde Dorothy havia chegado para que investigasse a jovem recém-chegada. Glinda é doce e gentil, veste-se com cores claras e suaves nos tons de rosa, além de possuir uma coroa na cabeça e uma varinha. Essa imagem nos faz associar instantaneamente a algo puro e bom, muito difícil de associar a uma bruxa do imaginário medieval. Entretanto, a Bruxa Má do Oeste (Margaret Hamilton), faz um contraponto imenso, vestindo-se em vestido preto, com chapéu pontudo, possui uma pele em tom de verde, seu queixo e nariz são completamente desproporcionais fazendo com que seu rosto seja alongado de forma caricata, uma aparência que invoca o grotesco e o Mal, além dela utilizar uma vassoura como meio de transporte e, antes de ir, usar uma fumaça verde, assustando a todos que estavam por perto.

As Bruxas do Norte e do Oeste formam duas imagens de uma mesma figura, por mais que o *Mágico de Oz* não faça menção à imagem demoníaca da bruxa, podemos ver claramente como a cultura separa a bondade da maldade unicamente através da aparência. Podemos ver isso claramente em um diálogo de Dorothy com Glinda, quando questionada se ela era uma Bruxa Boa ou Má, e em como ela fica surpresa ao saber que Glinda é uma Bruxa, Glinda lhe explica que apenas as bruxas más são feias. Reforçando ainda mais a imagem da maldade com a feiura grotesca, e trazendo agora o estereótipo do vestido preto e chapéu pontudo, que se tornou uma roupa associada às bruxas, principalmente para as festas a fantasia.

2.3. Thomasin e a criação da bruxa

⁶ *O Mágico de Oz* ou *The Wizard Of Oz*, título em inglês, foi um filme norte-americano do gênero fantasia, musical lançado em 1939 baseado no livro infantil *O Maravilhoso Mágico de Oz* de L. Franck Baum. Dirigido por Victor Fleming teve a produção de Mervyn LeRoy e roteiro escrito por Noel Langley, Florence Ryerson e Edgar Allan Woolf.

⁷ *A Bruxa* ou *The Witch*, é um filme canadense-americano de 2015, do gênero de terror, dirigido e escrito por Robert Eggers e produção de Daniel Bekerman. Intepretação de Anya Taylor-Joy, Ralph Ineson, Kate Dickie, Harvey Scrimshaw, Ellie Grainger, Lucas Dawson.

No filme *A Bruxa* (2015), temos uma produção de terror contemporâneo e um dos mais populares e polêmicos também, diferente de outros filmes como aqueles que são baseados em contos de fadas, e até do *Magico de Oz* que traz em contrapartida as duas imagens da bruxa. Neste filme, nos é apresentada mais uma vez a imagem da bruxa demoníaca, e ele se apropria dessas características associadas às bruxas e do contexto histórico, para assim poder estabelecer suas críticas e conflitos, além de deixar nítida a ligação do demoníaco com o feminino, a maldade, a capacidade de destruição das famílias, a luxúria e a sexualidade exacerbada para um meio social extremamente conservador e controlador.

Lançado e distribuído no ano de 2015, o filme conta a história de uma família puritana, composta pelo pai William (Ralph Ineson), a mãe Katherine (Kate Dickie), a filha mais velha, Thomasin (Anya Taylor-Joy), o filho mais velho Caleb (Harvey Scrimshaw), e os gêmeos fraternos Mercy (Ellie Grainger) e Jonas (Lucas Dawson). A família é expulsa da comunidade por conta de inúmeras divergências religiosas com seus líderes. O filme chama bastante a atenção pela pesquisa histórica e pelo rigoroso trabalho realizado na pré-produção. Com uma hora e trinta e três minutos de duração, vamos acompanhando essa família até o local onde eles estabelecerão residência, na região da Nova Inglaterra, em busca de um recomeço em uma pequena fazenda próximo à floresta, completamente isolados da antiga comunidade onde viviam e tendo que lidar com uma série de acontecimentos inexplicáveis e de forças sobrenaturais, principalmente a jovem Thomasin, que está na puberdade e começando a se descobrir sexualmente. Em meio a todo o caos que se instala na família, todos passam a desconfiar uns dos outros e, principalmente, da conduta de Thomasin.

Figura 1 – Chegada da família às margens da floresta onde poderiam recomeçar



Fonte: Filme *A Bruxa* (2015, 4 minutos e 34 segundos).

Tempos depois da família ser expulsa da comunidade e estarem tentando recomeçar neste novo local, a mãe dá à luz a uma quinta criança, um bebê que veio a ser chamado de Samuel. Entretanto, tudo começa a mudar quando Thomasin está encarregada de cuidar do irmão mais novo, quando está brincando com a criança às margens da densa floresta, ao fechar e abrir os olhos por

breves minutos, o seu irmão mais novo não se encontra mais lá, o bebê desapareceu sem deixar qualquer rastro do que poderia ter acontecido. Toda a desconfiança recai sobre a jovem Thomasin como a culpada pelo ocorrido. A cena é feita com closes no rosto da Thomasin e no do bebê durante toda a brincadeira, até que ao focar onde deveria estar a criança, ela não está mais. A trilha sonora durante toda a cena auxilia a deixar o desaparecimento mais inexplicável, ao som de grilos e ruídos vindos da floresta, o suspense é construído até o fim da cena.

Figura 2 – Thomasin brincando com o irmão mais novo



Fonte: Filme *A Bruxa* (2015, 06 minutos e 49 segundos).

Figura 3 – O bebê Samuel pouco tempo antes de desaparecer



Fonte: Filme *A Bruxa* (2015, 07 minutos e 02 segundos).

Esta cena é o ponto de virada no relacionamento de todos da família, especial com a jovem Thomasin, a estabilidade emocional da família entra em crise. Na fazenda podemos ver a clara distinção de gênero na divisão das atividades exercidas por cada membro da família, as atividades domésticas e o ambiente da casa são função das mulheres, os homens estão encarregados dos trabalhos externos que necessitem de força.

Também é possível ver a distinção dos trabalhos entre a mãe Katherine e a filha mais velha Thomasin, onde Thomasin é responsável por todas as atividades domésticas. Desde cuidar dos irmãos mais novos enquanto brincam, até lavar as roupas do pai que ela precisa retirar direto do corpo dele. Thomasin acata todas as ordens da mãe de forma obediente, sem questionar, entretanto, Katherine encontra algo para reclamar, o que causa descontentamentos em Thomasin, fato que vai crescendo ao longo do filme. A narrativa consegue nos fazer questionar como o fanatismo religioso dos pais consegue afetar o seu comportamento com os próprios filhos.

Este episódio do desaparecimento de Samuel também é o que põe em cena a presença da Bruxa (Bathsheba Garnett), aquela que, de fato, rapta o bebê. Nas cenas em que esta aparece, a imagem bela e sensual associada à feiticeira, por vezes, deixa entrever a “verdadeira face” da bruxa: velha, feia, monstruosa. Seu rito é sanguinário e cruel, e, com isso, alimenta-se o estereótipo da “bruxa comedora de criancinhas” ou de rituais macabros que associam mulheres, crianças e violência.

O cinema nos apresenta as bruxas de inúmeras formas e cada uma possui um objetivo diferente, entretanto, a maioria delas é sedenta por poder, desejos de vingança, muitas vezes são as mulheres loucas, destruidora de lares e, principalmente, seres sensuais, carregados de luxúria. No filme, se utiliza muitas cores apáticas nas cenas, sempre pálidas, a única cor saturada que aparece em destaque é o vermelho. Seja na manta que está enrolada no bebê Samuel (**Figura 3**) ou na capa da bruxa (**Figura 4**). Muitas coisas que estão relacionadas à família ao longo do filme parecem sem cor, sem vida, enquanto o vermelho, quando aparece, está relacionado ao pecado, à luxúria.

Na cena em que Caleb desaparece na floresta junto com Thomasin, quando ambos saem pra caçar logo após ouvirem a conversa dos pais (onde é sugerido pela mãe que vendessem a Thomasin para conseguirem dinheiro), Caleb acaba chegando à casa da bruxa, onde encontra uma bela jovem de longos cabelos negros e capa vermelha. Enfeitiçado e seduzido pela bruxa, ele caminha até ela com medo e vontade. Thomasin, ao retornar para casa sem o irmão, mais uma vez lida com o julgamento da família.

Figura 4 – Caleb encontra a bruxa da floresta



Fonte: Filme *A Bruxa* (2015, 41 minutos e 27 segundos).

No filme, a bruxa muitas vezes modifica a sua aparência dependendo da cena, em determinados momentos é uma velha de aparência assustadora e em outros momentos do filme é uma mulher atraente capaz de seduzir Caleb e colocá-lo em um feitiço. Quando este retorna para a casa, inclusive, é encontrado por Thomasin nu sobre a cerca, ainda sob o feitiço da bruxa. Quando está recebendo os cuidados dos pais, após vomitar em sua boca, é encontrado um pedaço de maçã com sangue, representando o pecado da luxúria e transgressão da fé.

Signo cristão, a maçã está relacionada ao primeiro pecado cometido por Eva no Paraíso. Mesmo recebendo todos os cuidados dos pais, ele morre logo após uma alusão ao gozo, falecendo em seguida, sua morte é associada à entrega do pecado da luxúria e a um feitiço lançado pela bruxa por sua associação ao Diabo.

Figura 5 – Caleb enfeitiçado pela bruxa



Fonte: Filme *A Bruxa* (2015, 58 minutos e 38 segundos).

Nesta cena, podemos destacar o desempenho de atuação do jovem ator Harvey Scrimshaw, que interpreta Caleb, e o trabalho da produção durante a filmagem da cena, quando a câmera passa por todos os personagens, mostrando o caos em que todos se encontram, o medo, desespero em não saber o que fazer. A trilha sonora de fundo auxilia ao longo de toda a cena, fazendo com que a atuação dos atores passe para quem assiste toda a agonia dos personagens.

Com a morte de Caleb, as acusações sobre Thomasin aumentam ainda mais, principalmente as dos gêmeos de que ela é uma bruxa, a causadora de toda a desgraça na família, e que já a viram falar com o bode preto da família, o Black Phillip. Não suportando mais todas as acusações calada, Thomasin decide não aceitar ficar em silêncio, porém, a “A bruxa era também a mulher rebelde que respondia, discutia, insultava e não chorava sob tortura” (FEDERICI, 2017, p. 336), a sua discordância perante o pai é enxergada como uma rebeldia diante da figura masculina de autoridade.

Por reclamar da impotência de William perante todo o caos que se instalou na família, apontando a todos as suas sequências de erros, e tentando livrar-se das várias acusações, o pai começa a acreditar que a filha está completamente ligada à bruxaria.

Outro personagem crucial para aumentar as suspeitas sobre Thomasin é o bode preto, “Black Phillip”. As gêmeas conversam com o bode, e este as convence de que Thomasin é má, culpada de todas as mazelas. Como coloca Larocca (2018, p. 101), “a escolha e representação imagética do bode não é aleatória. Tanto em bulas papais como tratados demonológicos, tal animal aparece como personagem assíduo nos sabás”, o que veio contribuir para assimilar a feitiçaria a uma heresia perigosa: a demonolatria. O bode desempenha também um papel crucial no destino da protagonista, persuadindo-a a seguir pelo caminho que, pelo visto, já a esperava: o da bruxaria.

Com o fim do filme, vemos o impacto das mortes recaírem sobre Thomasin. A morte dos gêmeos, Jonas e Mercy, que foram presos no celeiro juntos com Thomasin quando a bruxa apareceu e não conseguiu protegê-los, assim como Samuel e Caleb, que ficaram para trás enquanto ela foi a única a sobreviver.

Além do peso da culpa ao assistir o pai ser morto pelo bode preto, Black Phillip, os seus gritos de desespero chamam a atenção da mãe que dormia e, ao sair da casa e ver todos mortos, Thomasin é mais uma vez julgada por ser a única a sobreviver.

Figura 6 – A mãe Katherine acusa a filha Thomasin



Fonte: Filme *A Bruxa* (2015, 1 hora, 18 minutos e 11 segundos).

Toda a raiva que vem sendo acumulada ao longo do filme pela Katherine explode nesta cena, todas as acusações são jogadas sobre a filha mais velha, é uma sequência de cenas em que, na atuação das atrizes, é possível ver toda a raiva e a mágoa entre as personagens. Novamente, a mãe a acusa por tudo o que acontecia com a família, inclusive de ter comportamentos impróprios com o pai, furiosa, começa a agredir violentamente e tenta matar Thomasin estrangulada, que, em legítima defesa, acaba mantendo a própria mãe com uma ferramenta de jardinagem.

Por fim, podemos acompanhar a Thomasin concretizando o destino que lhe foi traçado desde o começo do filme: sozinha, decide ir até o celeiro onde se encontra o Black Phillip e ver por ela mesma se as histórias que os gêmeos tanto falavam eram verdade ou apenas invenção. Questionado pela jovem, o bode lhe responde com uma voz masculina e grave, em um inglês colonial, quais seriam

os seus maiores desejos, deixando explícito que quem estava ali era o próprio Diabo disfarçado. Oferecendo todos os luxos possíveis à jovem Thomasin, tudo o que lhe pede é que a garota assine o seu livro.

A grande questão que torna a bruxaria a representação do grande Mal não era fato dela ser uma prática herética, mas o repúdio da religião, o que vinha a resultar em crime de apostasia (NOGUEIRA, 1995). Depois de assinar com a ajuda de Black Phillip, que assume a forma de um homem adulto usando um chapéu preto, Thomasin segue para a floresta junto com o Black Phillip e encontra com outras mulheres dançando e cantando em volta de uma fogueira, todas nuas. Neste momento, o filme deixa claro que não era alucinação e nem desconfiança infundada da família, mas que, sim, existiam bruxas e elas estavam atormentando todos da família.

No fim, podemos dizer que é quase emblemático, reforçando a antiga ideia da natureza frágil da mulher para o pecado. Por mais que, ao longo do filme, a Thomasin seja acusada inúmeras vezes de ser a bruxa, a causadora de todas as tragédias, não conseguimos acreditar nessas acusações que ela é a vilã da história. Tudo isso, junto com o fato de a personagem estar se descobrindo sexualmente, acaba despertando o desejo no irmão e principalmente a desconfiança na mãe.

O cinema vem conseguindo ressignificar mais uma vez a antiga ideia de que a sexualidade feminina é uma força perigosa, podendo despertar poderes ou desejos destrutíveis (LAROCCA, 2018). O filme vai nos apresentando várias imagens da bruxa, entre eles o da Thomasin no final, por mais que sejam personagens diferentes, possuem a mesma essência e representação, a imagem que vem sendo repassada ao longo dos séculos passados, por maior que seja a distância entre o cinema de horror e a propagação dos discursos antifemininos, o Mal continua sendo feminino.

3. CONCLUSÃO

Não tem como discordar que o cinema se tornou um espaço povoado por figuras fantásticas, como lobisomens, vampiros e bruxas. O gênero de horror é um dos que mais se utilizam deles, que possuem raízes antigas, não são invenções da modernidade. Quando utilizadas no cinema, são de fácil identificação, pois, algumas características são sempre presentes, por maiores que sejam as releituras deste personagem. No caso da bruxa, a bruxa má, demoníaca, seu estereótipo está ligado à velha bruxa, de nariz grande e aparência grotesca ou a bela jovem bruxa, poderosa, sexualmente ativa e sedutora. Essas imagens se completam e representam uma feminilidade maligna e perigosa que muitas vezes eram retratadas nos discursos de clérigos e juízes durante os séculos anteriores.

A imagem da bruxa sofreu e continua sofrendo várias alterações ao longo dos séculos, ou seja, a bruxa que é retratada nos cinemas não é a mesma bruxa dos tratados inquisitórias da Idade Média, mas, sim, uma representação dela. Por mais que, no cinema, o imaginário da bruxa venha se reinventando lentamente, com releituras de contos antigos, por exemplo, ainda somos influenciados pelas narrativas dos contos de fadas que nos foram repassados através das narrativas orais.

Através desta análise sucinta do filme *A Bruxa*, podemos ver como os discursos antifemininos, misóginos, possuem uma forte influência mesmo com o passar de séculos, depois de tantas mudanças no imaginário da bruxa, a sua imagem ligada do Diabo, ao Mal, ainda é constante. A bruxa ainda é uma personagem constante no cenário dos filmes de horror, ainda ligada ao demoníaco. Mesmo depois de todas as perseguições sofridas, sua figura ainda assombra o imaginário contemporâneo, se recusando a desaparecer por completo.

Afinal, sempre podemos encontrar várias representações desta personagem na literatura, em obras cinematográficas, em seriados para TV, e todas se adequam aos estereótipos aqui discutidos. No entanto, essas mudanças estão ocorrendo gradativamente, principalmente agora com os movimentos feministas questionando as representações associadas às bruxas na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Breno Martins. PURITANISMO E A CONSTRUÇÃO POLÍTICO-SOCIAL DA REALIDADE. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/politica_60/breno.pdf. Acesso em 23 de jun. de 23.

DIAS, Bruno Vinicius Kutelak; CABREIRA, Regina Helena Urias. **A imagem da bruxa**: da antiguidade histórica às representações fílmicas contemporâneas. Ilha do Desterro, Florianópolis, v. 72, nº 1, p. 175-197, jan/abr de 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ides/a/Q8cJDfsgznTRCpnQdzwc5Jw/?format=pdf&lang=pt>

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. / Marc Ferro, tradução Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HANCIAU, Nubia. **O universo da feitiçaria, magia e variantes**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 75-85, out./dez. 2009.

LAROCCA, Gabriela Muller. **A Representação do Mal Feminino no Filme A Bruxa (2016)**. GÊNERO, Niterói. V.19. n.1 p. 088-109. 2 de setembro de 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31293/18382>.

LAROCCA, Gabriela Muller. **Do malleus maleficarum ao cinema de horror**: a tradição do mal feminino e da mulher-bruxa em filmes da década de 1960. Tese (Doutorado em História) Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p. 395. 2021.

LIEBEL, Silvia. **Demonização da mulher**: a construção do discurso misógino no Malleus Maleficarum. Monografia. Estágio supervisionado em pesquisa histórica do Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 78 páginas.

LOURO, Guacira Lopes. **História e Educação**: Construção e Desconstrução. EDUCAÇÃOXREALIDADE, v.20, n. 2, p. 101 a 132. Jul/Dez. 1995.

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**/ José Rivair Macedo. 4 ed. São Paula: Contexto, 1999.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **O Nascimento da Bruxaria**: da Identificação do Inimigo à Diabolização de seus agentes. Carlos Roberto Figueiredo Nogueira. – São Paulo: Editora Imaginário, 1995.

O MÁGICO de Oz. Direção de Victor Fleming. Produção de Loews. Roteiro de Noel Langley, Florence Ryerson e Edgar Allan Woolf. Interpretação de Judy Garland, et al. Estados Unidos: MGM e Warner Bros., 1939. 1 DVD (101 min).

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate:** o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. HISTÓRIA, São Paulo, v.24, N.1, P.77-98, 2005.

PORTELA, Ludmila Noeme Santos. **Os pilares da fogueira:** a construção do discurso cristão contra a bruxaria na Idade Média (séc. XIV). Dimensões. v. 39. p. 197 a 219. Jul-Dez 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/18632>. Acesso em 23 de jun. de 2023.

SANTOS, Karoline Leandro. **O Feminino no Cinema:** As comédias românticas teens dos anos 90. Tese (Mestre em Cinema) Universidade Beira Interior, p.111, 2021.

THE Witch. Direção de Robert Eggers. Produção de Daniel Bekerman, et al. Roteiro de Robert Eggers. Interpretação de Anya Taylor-Joy, et al. Estados Unidos e Canadá: A24 e Universal Pictures, 2015. 1 DVD (1h e 33min).

VALLE, Isabella Chiacca Bessa Ribeiro do; LUCENA, Micaelle Lages. **Bruxaria, misoginia e cinema:** o filme The witch e a (des)construção de um estereótipo midiático de gênero. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, v. 6, n. 3, p. 159-197, set.-dez. 2021.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. **Bruxas:** Figuras de Poder. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(2), p. 333 a 341. Maio-Agosto/2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X200500020007>